



AOS POVOS DA AMERICA LATINA

TEXTOS ANTI-IMPERIALISTAS N+1

LUAR

ABM

AOS POVOS
DA AMERICA LATINA

MANIFESTO CONJUNTO DO
M.L.N -TUPAMAROS, DO M.I.R , DO
E.L.N. E DO E.R.P.

"É o caminho do VIETNAM; é o caminho que devem seguir os povos; é o caminho que seguirá a América com a característica especial de que os grupos em armas poderão formar como que Juntas de Coordenação para tornar mais difícil a tarefa repressiva do imperialismo yankee e facilitar a própria causa"

(Ché Guevara, Mensagem à Tricontinental)

O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (Tupamaros) do Uruguay, o MOVIMENTO DA ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA do Chile, o EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL da Bolívia e o EXÉRCITO REVOLUCIONÁRIO DO POVO da Argentina, assinam a presente declaração para dar a conhecer aos operários, aos camponeses pobres, aos pobres da cidade, aos estudantes e intelectuais, aos arborígenes, aos milhões de trabalhadores explorados da nossa sofredora pátria latino-americana, a sua decisão de unir-se numa JUNTA DE COORDENAÇÃO REVOLUCIONÁRIA.

Este passo importante é o produto de uma necessidade sentida, da necessidade de fazer a coesão dos nossos povos no campo da organização, de unificar as forças revolucionárias para fazer frente ao inimigo imperialista, de travar com maior eficácia a luta política e ideológica contra o nacionalismo burguês e o reformismo.

Este passo importante é a concretização de uma das principais ideias estratégicas do comandante Che Guevara, herói, símbolo e percussor da revolução que tende a retomar a tradição fraternal dos nossos povos que souberam irmanar-se e lutar como um só homem contra os opressores do século passado, os colonialistas espanhóis.

A NOSSA LUTA É ANTIIMPERIALISTA

Os povos do mundo vivem a ameaça permanente do imperialismo mais agressivo e feroz, que jamais existiu. Presenciaram, não com indiferença, o genocídio organizado e dirigido pelo imperialismo yankee contra o heróico povo Vietnamita. Nesta guerra desigual, cujas chamas ainda não se extinguiram, mostrou-se de corpo inteiro o carácter agressivo e aleivoso do imperialismo do norte. Porém, nesta guerra, uma vez mais e em contrapartida, demonstrou-se a debilidade do seu sistema e ainda de todo o seu poder militar frente a um povo disposto a lutar e decidido a ser livre a qualquer preço. Os povos latino-americanos, desde o século passado até aos nossos dias, suportam o pesado jugo colonial e neocolonial dos imperialistas; sofreram consecutivamente intervenções militares e guerras injustas executadas ou fomentadas, quer pelos monopólios supranacionais. E aí está o despojo do México, a ocupação de Porto-Rico, a intervenção em Santo Domingos, e está Playa Girón e muitos factos bélicos que a nossa América não esquece e não perdoará jamais.

E aí está a Shell, a Esso Standard Oil, a United Fruit, a I.T.T., os dinheiros de Mister Rockefeller e Mister Ford, e está a CIA que com Papy Shelton, Mitriene, Siracusa, deixou marcas indeléveis da política avassaladora e prepotente dos E.U.A. contra o movimento popular na América Latina.

A AMÉRICA LATINA CAMINHA PARA O SOCIALISMO

No 1º de Janeiro de 1959, com o triunfo da Revolução Cubana, começa a marcha final dos povos latino-americanos para o socialismo, para a felicidade colectiva dos povos.

É a justa e aberta rebelião dos explorados da América Latina contra um bárbaro sistema neocolonialista capitalista imposto desde o fim do século passado pelo imperialismo yankee e europeu, que com a força, o engano e a corrupção se apoderaram do nosso continente. As cobardes burguesias criulas e os seus exércitos, não souberam honrar a herança revolucionária libertadora

ra da gloriosa luta anticolonial dos nossos povos, que conduzia dos por como Bolívar, San Martín, Artigas e tantos outros, conquistaram a independência a igualdade e a liberdade.

As classes dirigentes, defendendo mesquinhos interesses de grupo, uniram-se aos imperialistas, colaboraram com eles, facilitaram a sua penetração económica, entregando progressivamente o controlo da nossa economia à voracidade insaciável do capital estrangeiro. A dominação económica engendrou o controlo e a subordinação política e cultural.

Assim fundou-se o sistema capitalista neocolonial que vem explorando, oprimindo e deformando desde há cem anos as classes trabalhadoras do nosso continente.

Desde o princípio do século a classe operária começou a levantar-se contra esse sistema, desenrolando a então pouco conhecida bandeira do socialismo, unida indissolivelmente a bandeira da independência nacional, promovendo o despertar dos camponeses; dos estudantes de tudo são e revolucionário dos nossos povos. O Anarquismo, o Socialismo e o Comunismo, como movimentos organizados da classe operária conduziram com energia e heroísmo a mobilização de amplas massas, marcas inapagáveis da luta revolucionária. O legendário líder nicaraguense Augusto César Sandino, operário metalúrgico, dirigiu no seu pequeno país uma das mais heróicas dessas batalhas quando o seu exército guerrilheiro teve em xeque e derrotou as tropas intervencionistas norte-americanas em 1932. Foi nessa década dos 30, que os nossos povos desenvolveram em todo o continente um formidável levantamento de massas que pôs em xeque a dominação neocolonial homogeneizada pelo imperialismo yankee, inimigo número um de todos os povos do mundo.

Porém essa formidável mobilização revolucionária de massas não foi coroada pela vitória. A activa intervenção contra-revolucionária política e militar, directa e indirecta do imperialismo yankee, unida às deficiências do anarquismo, das correntes socialistas e dos partidos Comunistas, foram as causas de

uma derrota temporária. A maioria dos Partidos Comunistas, os mais conscientes, consequentes e organizados desse período, caíram no reformismo. Alguns deles como o heróico Partido Comunista de San Salvador, sofreram cruéis derrotas com dezenas de milhares de mártiros. Por isso, o impetuoso levantamento de massas desviou-se do seu caminho revolucionário e caiu de baixo da influência e da direcção da burguesia nacionalista, via morta da revolução, recurso inteligente e demagógico que encontraram as classes dirigentes para prolongar com o engano a vigilância do sistema capitalista neocolonial. A partir do formidável triunfo do povo cubano, que pela hábil e clarividente condução de Fidel Castro e um grupo de dirigentes marxistas-leninistas logrou derrotar o exército de Batista e estabelecer na ilha de Cuba, o primeiro Estado socialista na América Latina, os povos do continente viram fortalecida a sua fé revolucionária e iniciaram uma nova e profunda mobilização conjunta. Com acertos e erros os nossos povos e as suas vanguardas lançaram-se com decisão na luta anti-imperialista pelo socialismo.

A década de 60 viu sucederem-se de forma ininterrupta grandes lutas populares, violentos combates guerrilheiros, poderosas insurreições de massas. A guerra de Abril, insurreição geral do povo dominicano, obrigou à intervenção directa do imperialismo Yankee que teve de enviar 30.000 soldados para sufocar com o massacre esse magnífico levantamento.

A legendária figura do comandante Ernesto Guevara personificou, simbolizou todo esse período de luta e a sua morte heroica assim como a sua vida exemplar e a sua clara concepção estratégica marxista-leninista, abre e ilumina o novo auge revolucionário dos nossos povos que cresce dia a dia em poder e consistência, parte das fábricas, das aldeias, do campo e das cidades e estende-se incontável por todo o continente.

É o definitivo despertar dos nossos povos que põe de pé milhões e milhões de trabalhadores e que se encaminha inexoravelmente para a 2ª. Independência, para a eliminação definiti

va nacional e social até à eliminação definitiva de injusto sistema capitalista e ao estabelecimento do socialismo revolucionário.

A LUTA PELA DIRECÇÃO DO
MOVIMENTO DE MASSAS

Mas o caminho revolucionário não é fácil nem simples. Não devemos sómente enfrentar a bárbara força económica e militar do imperialismo.

Inimigos e perigos mais subtis espreitam a cada momento as forças revolucionárias, os seus esforços para travar com eficácia, vitoriosamente, a luta anti-imperialista e anti-capitalista.

Hoje em dia, dada a situação particular do processo revolucionário continental, devemos referir-nos especificamente a duas correntes de pensamento e acção, que conspiram poderosamente contra os esforços revolucionários dos latino-americanos. São eles, um inimigo: o nacionalismo burguês e uma concepção errada no campo popular: o reformismo.

Ambos, por vezes estreitamente unidos, tentam empoleirar-se no avanço revolucionário dos nossos povos, conseguir a sua direcção, e impôr as suas concepções erradas e interessadas, que em definitivo terminarão por deter e castrar o impulso revolucionário.

Por isso adquire uma dimensão estratégica a intransigente luta ideológica e política que nós, revolucionários, devemos travar contra essas correntes, impôr-mo-nos a elas, ganhar assim a direcção das mais amplas massas, para dotar os nossos povos de uma consequente direcção revolucionária que nos conduza com constância, inteligência e eficácia até à vitória final.

O nacionalismo burguês é uma corrente apadrinhada pelo imperialismo que se apoia nela como variante demagógica para distrair e desviar a luta dos povos quando a violência contra-revolucionária perde eficácia. O seu núcleo social está constituído pela burguesia pró-imperialista ou um embrião dela, que pretende enriquecer-se sem conta nem medida, despertando com a oligarquia e a burguesia tradicional os favores do imperialismo mediante o truque de se apresentar como bombeiros do incêndio revolucionário, com influência popular e capacidade de negociação perante a mobilização das massas.

Na sua política do engano esgrimem um anci-imperialismo verbal e tentam confundir as massas com a sua tese nacionalista preferida: a terceira posição. Mas na realidade não são anti-imperialistas se prestando-se inclusivé a novas e mais subtis formas de penetração económica estrangeira.

O reformismo é por outro lado uma corrente que se aninha no próprio seio do povo trabalhador, reflectindo o temor ao confronto de sectores pequeno-burgueses e da aristocracia operária. Caracteriza-se por rejeitar afincadamente na prática, a justa e necessária violência revolucionária como método fundamental da luta pelo poder, abandonando assim a concepção marxista da luta de classes. O reformismo difundido entre as massas, ideias nocivas pacifistas e liberais, embelezam a burguesia nacional e os exércitos contra-revolucionários com quem constantemente procuram aliar-se, exageram a importância da legalidade e do parlamentarismo. Um dos seus argumentos preferidos, de que é necessário evitar a violência e relacionar-se com a burguesia e os militares patriotas em busca de uma via pacífica que evite derramamentos de sangue às massas no seu caminho para o socialismo, é rotunda e dolorosamente refutado pelos factos. Ali onde o reformismo impôs a sua política conciliatória e pacifista as classes inimigas e os seus exércitos executaram os maiores massacres contra o povo. A proximidade da experiência chilena com mais de 20.000 homens e mulheres trabalhadores assassinados, dispensa-nos maiores comentários.

Frente ao nacionalismo burguês, o reformismo e outras correntes de menor importância, em constante luta ideológica e política com elas, levanta-se a luta armada, a luta revolucionária que dia a dia se consolida no seio das massas, aumentando, a sua influência, melhorando a sua capacidade política e militar, convertendo-se cada vez mais numa opção real para a independência nacional e o socialismo.

Precisamente para contribuir ao fortalecimento de essa luta revolucionária à escala continental, as quatro organizações que assinam esta declaração, decidimos constituir a presente junta de Coordenação Revolucionária à volta da qual e de cada uma das suas organizações nacionais, chamamos a organizarem-se e a combaterem juntos, com toda a vanguarda revolucionária trabalhadora e popular da América Latina.

Isto significa naturalmente que as portas desta Junta de Coordenação estão abertas às organizações revolucionárias dos diferentes países latino-americanos.

A EXPERIENCIA DAS NOSSAS ORGANIZAÇÕES

O MLN Tupamaros, o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), o Exército de Libertação Nacional (ELN), o Exército Revolucionário do Povo (ERP), no decurso da sua luta patriótica e revolucionária foram compreendendo a necessidade de unir-se, foram afirmando por experiência própria a sua concepção internacionalista, compreendendo que ao inimigo imperialista e capitalista que está unido e organizado devemos opôr-lhe a mais férrea e estreita unidade dos nossos povos.

Irmanados pela semelhança das nossas lutas e da nossa linha, as quatro organizações estabelecemos, primeiro, laços fraternais, e gradualmente passámos a um intercâmbio de experiências, à colaboração mútua cada vez mais activa, até dar hoje este caso decisivo que acelera a coordenação e colaboração que sem qualquer dúvida redundará numa maior eficácia prática na encarniçada luta que os nossos povos travam contra o feroz inimigo comum.

O maior desenvolvimento das nossas organizações, o fortalecimento da sua concepção e prática internacionalista, permitirá um maior aproveitamento das potencialidades dos nossos povos até erguer uma poderosa força revolucionária capaz de derrotar definitivamente a reacção imperialista-capitalista, aniquilar os exércitos contra-revolucionários expulsar o imperialismo yankee e Europeu do solo latino-americano, país por país, e iniciar a construção do socialismo em cada um dos nossos países para chegar ao dia de amanhã, o da mais completa unidade latino-americana.

Lograr esse sagrado objectivo não será fácil, a crueldade e força do imperialismo tornará necessário, como vislumbrara o Comandante Guevara, desenvolver uma dura e prolongada guerra revolucionária que fará do continente latino-americano o segundo ou terceiro Vietnam do mundo.

Mas, segundo o glorioso exemplo do heróico povo vietnamita, os trabalhadores da América latina saberão combater sem desânimos, com

uma eficácia crescente, desencadeando com toda a sua intensidade, as imbatíveis inergias das massas para esmagar o imperialismo yankee e os seus agentes, conquistando assim a nossa felicidade, e contribuindo poderosamente à destruição definitiva do inimigo principal da classe operária internacional, do socialismo, de todos os povos do mundo.

O NOSSO PROGRAMA

Une-nos a compreensão de que não há outra estratégia viável na América Latina que a estratégia da guerra revolucionária, que essa guerra revolucionária é um complexo processo de luta de massas, armado e não armado, pacífico e violento, onde todas as formas de luta se desenvolvem harmoniosamente convergindo para o eixo da luta armada. Que para o desenvolvimento victorioso de todo o processo de guerra revolucionária é necessário mobilizar todo o povo, sob a direcção do proletariado revolucionário. Que a direcção proletária da guerra se exercita num partido de combate marxista-leninista, de carácter proletário, capaz de controlar e dirigir, unindo num só potente feixe, todos os aspectos da luta popular, garantindo uma direcção estratégica justa. Que sob a direcção do Partido Proletário é necessário estruturar um poderoso exército popular, núcleo de aço das forças revolucionárias, que desenvolvendo-se do secundário ao principal, intimamente unido às massas e alimentado por elas, se erga, em impenetrável muro onde esbarrem todas as tentativas militares dos reaccionários, e esteja em condições materiais de assegurar o aniquilamento total dos exércitos contra-revolucionários.

Que é necessário, mesmo assim, construir uma ampla frente operária e popular de massas que mobilize ~~todo o povo~~ progressista e revolucionário, os diferentes partidos populares, os sindicatos e outras organizações semelhantes, numa palavra, as mais amplas massas cuja luta decorre paralelamente, convergindo em cada momento e estrategicamente com a acção militar do exército e a acção política, clandestina do Partido Proletário.

A resposta deve ser clara, e não outra senão a luta armada como principal factor de polarização, agitação e, enfim de derrota do inimigo, a única possibilidade de triunfo.

Isto não quer dizer que não se utilizem todas as formas de

organização e luta possíveis: a legal e a clandestina, a pacífica e a violenta, económica e política, convergindo todas elas com maior eficiência na LUTA ARMADA, de acordo com as particularidades de cada região e país.

O carácter continental da luta está traçado fundamentalmente pela presença de um inimigo comum. O Imperialismo Norte Americano desenvolve uma estratégia internacional para deter a Revolução Socialista na América Latina. Não é casual a imposição de regimes fascistas nos países onde o movimento de massas em crescimento ameaça a estabilidade do poder das oligarquias. A estratégia internacional do imperialismo corresponde à estratégia continental dos revolucionários.

O caminho por transitar nesta luta não é curto. A burguesia internacional está disposta a impedir, por qualquer meio a Revolução, assim que se desencadeasse em qualquer país.

Ela possui todos os meios oficiais e officiosos, bílicos ou de difusão, para os utilizar contra o povo. Por isso a nossa guerra revolucionária é de desgaste do inimigo nas suas primeiras fases, até formar um exército popular que supera em força as do inimigo. Este processo é paulativo, porém, é paradoxalmente a senda mais curta e menos custosa para alcançar os objectivos estratégicos das classes postergadas.

POVO LATINO AMERICANO

AS ARMAS

Vivemos momentos decisivos da nossa história. Na consciência disso, o MLN Tupamaros, o Movimento da Esquerda Revolucionária, MIR, o Exército de Libertação Nacional ELN, o Exército Revolucionário do Povo. ERP, chamaram os trabalhadores explorados da América Latina, a classe operária, os camponeses pobres, os pobres das cidades, os estudantes e intelectuais, os cristãos revolucionários e todos aqueles elementos provenientes das classes exploradas, dispostos a colaborar com a justa causa popular, a tomar com decisão as armas, a incorporarem-se activamente na luta revolucionária anti-imperialista e pelo socialismo que já se está gerando no nosso Continente, sob a bandeira e o exemplo do Comandante Guevara.

LIBERDADE OU MORTE (MLN TUPAMAROS)

VENCER OU MORRER PELA ARGENTINA (ERP)

PÁTRIA OU MORTE, VENCEREMOS (MIR)

VITÓRIA OU MORTE (ELN)

FORO LACIANO AL VINDO

2014 24



EDIÇÕES **fronteira**

PREÇO 7.50

ABM

ARQUIVO REGIONAL E
BIBLIOTECA PÚBLICA DA MADEIRA